



O mundo em circunscrição niilista

Hugo França de Souza¹

Resumo: O niilismo é um tema relevante e importante na filosofia de Nietzsche. Aparece com mais destaque nas obras da maturidade. A partir disso, busca-se entender como as formas do niilismo aparecem e afetam a vida do indivíduo neste mundo circunscrito pelo fenômeno do niilismo. Por meio de metodologia bibliográfica, empenha-se em alcançar o resultado da pesquisa, utilizando-se dos escritos nietzschianos, em especial os Fragmentos de Póstumos de 1887-1888, além de contribuições expressivas de estudiosos do assunto em questão, como Franco Volpi e Clademir Araldi. O filósofo identifica o niilismo como um fato presente na cultura ocidental, com origem na filosofia socrática, seguida da moral religiosa. Vivenciado em fases distintas, em primeiro momento, no niilismo incompleto o indivíduo reprova os valores antigos e não se sente capaz de realizar a transvaloração de todos os valores. Na sequência, vive-se a fase do niilismo completo, em que vê-se, com clareza, a inexistência dos valores tradicionais, cabendo ao indivíduo viver ativa ou passivamente sua realidade existencial. Por fim, a forma extrema ou radical. Aqui, o indivíduo enfrenta um vazio existencial desprovido de sentido e busca organizar o processo de superação para a afirmação da vida inserido na sua realidade concreta, a terra.

Palavras-chave: Niilismo. Deus. Transvaloração dos valores. Superação. Vida.

INTRODUÇÃO

O termo niilismo não foi criado por Nietzsche. Contudo, a partir dos seus escritos, o debate sobre o niilismo ganha maior visibilidade no campo filosófico. O filósofo assim o identifica: “Niilismo: falta a meta; falta a resposta ao ‘por quê?’ que significa niilismo? – o fato de que os valores supremos se desvalorizaram” (NF/FP do outono de 1887-1888, 9[35], TCGM, 8. 12), situação que gera falta de segurança ao indivíduo, fazendo com que ele siga seu caminho sem guia, sem saber aonde deseja chegar. O niilismo é fato e ocupa todos os espaços da cultura ocidental. Não é correto camuflá-lo, mas descobrir forças para enfrentá-lo e superá-lo.

A origem do niilismo remonta ao momento em que não mais se valoriza a tradição mitológica e passa-se a viver sob orientação do *logos* filosófico. Esse rompimento foi provocado por Sócrates e Platão que introduziram uma nova forma de organização da vida, tirando a centralidade do mundo sensível em vista de uma realidade transcendente, sendo,

¹ Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (MG). E-mail: hugofranca1985@hotmail.com

agora, busca constante do indivíduo que deixa de valorizar a vida na realidade concreta, reflexão acolhida pela moral religiosa, forte contribuinte na valorização da negação do mundo sensível, que alimenta no indivíduo o agir aqui na terra em vista do mundo suprassensível. Essa experiência ocasiona um enfraquecimento da vida do indivíduo, fazendo-o viver um esvaziamento de sentido de sua existência, tirando a coragem de lutar pela superação dos obstáculos. Para Nietzsche, a moral religiosa juntamente com o pensamento socrático são os responsáveis pela origem e disseminação do niilismo na cultura ocidental.

A problemática é compreender as manifestações do niilismo na filosofia nietzschiana. Em vista disso, é fundamental entender como essas manifestações aparecem e afetam a vida do indivíduo presente neste mundo circunscrito pelo niilismo. Para responder à problemática, usa-se metodologia de cunho bibliográfico.

1 O NIILISMO INCOMPLETO E O DECLÍNIO DA CRENÇA EM DEUS

A forma de niilismo incompleto tem início a partir do abandono da tradição mitológica. É fortemente influenciado pela filosofia socrática e vigora até o momento em que torna-se visível a desvalorização dos valores tradicionais. Nietzsche destaca que, em todo esse tempo, impera forte presença contrária à afirmação da existência do indivíduo por parte dos valores defendidos pela moral religiosa, tirando a centralidade do mundo sensível em vista do mundo transcendente, acarretando uma circunscrição niilista no mundo.

Diante da crise dos valores da moral religiosa que tem seu ponto alto no anúncio da morte de Deus, o niilismo incompleto ganha visibilidade, sendo pois, caracterizado por um forte desejo de busca por algo que ocupe o vazio provocado pela morte da divindade cristã (ARALDI, 1998, p. 86). O indivíduo encontra-se totalmente mergulhado no niilismo e não consegue buscar sentido para sua existência.

Não valorizando os valores da moral religiosa, o indivíduo busca descobrir novos valores, para ajudá-lo no seguimento da vida. Entretanto, os novos valores que aparecem, passam a assumir os mesmos lugares dos valores anteriores, mantendo a mesma estrutura de cobrança para com a vida, a ponto de continuarem a ser valores niilistas. Tudo isso torna os valores iguais ou até mesmo piores do que os valores já existentes apresentados pela moral cristã; e não são valores que conduzem o indivíduo para a superação dessa delimitação niilista.

O niilismo incompleto é caracterizado por constante busca de valores que possam ocupar os lugares anteriores, sem desapego de suas estruturas. “O niilismo imperfeito, suas formas: nós vivemos em meio a elas. As tentativas de escapar do niilismo sem transvalorar aqueles valores: produzem o contrário, intensificam o problema” (*NF/FP* do outono de 1887-1888, 10[42], TCGM, 8. 125). Diante da morte de Deus, procura-se algo que possa preencher o espaço vazio. Isso mostra que, aqueles que vivem o niilismo incompleto, não conseguem libertar-se das exigências do passado. Não aceitando a norma tradicional, desejam outras que possam realizar a mesma função da anterior. Nesta forma de niilismo, o indivíduo não consegue viver sem uma orientação imposta; sente necessidade de um guia para sua vida.

O indivíduo não sabe usar de sua independência, e por isso, precisa de ajuda para fazer seu caminho. “A partir de então deveriam andar com os pés e ‘carregar a si mesmos’, quando antes eram levados pela água: havia um terrível peso sobre eles” (*GM/GM*, II, 16, p. 67). A vida permanece presa, escrava de uma norma que, mesmo não sendo mais a moral religiosa, é sim, uma norma que não contribui para a afirmação da vida do indivíduo na realidade concreta da história terrena. Há destruição dos valores antigos. Os novos valores simplesmente passam a substituir os antecedentes e não oferecem novidades, pois não acontece o abandono do passado na radicalidade.

O vazio deixado pela morte de Deus precisa ser preenchido. O indivíduo encontra-se preso em suas convicções, heranças do passado que o impedem de enfrentar a vida. “Ser livre de todo tipo de convicções faz parte da força, poder olhar livremente” (*AC/AC*, 54, p. 65). No niilismo incompleto identifica-se apenas a mudança de liderança. O indivíduo necessita de segurança para viver sua história, busca quem possa ocupar o lugar de Deus e passe a oferecer orientações como acontecia com os valores tradicionais. Se antes era Deus, agora, imperam a política, o científico e o artístico. Nietzsche os identifica como formas de niilismo incompleto, limitando o indivíduo com suas severas regras.

No âmbito da política, o nacionalismo é visto como positivo por Nietzsche, mas depois vai divorciar-se, acreditando haver um abandono das forças. “Esse nacionalismo artificial é, aliás, tão perigoso como era o catolicismo artificial, pois é na essência um estado de emergência e de sítio que alguns poucos impõem a muitos” (*MAI/HHI*, VIII, 475, p. 233). O filósofo, ainda, cita o chauvinismo, atitude de patriotismo cuja confiança é depositada em uma pessoa. Também o democratismo que representa na realidade moderna a falta de coragem para enfrentar os desafios da vida, procurando atingir seus objetivos, acreditando naqueles que governam. No âmbito do socialismo, o indivíduo anula sua vontade em prol da confiança na coletividade. Por fim, o anarquismo pela ausência de força dominadora, própria do instinto do indivíduo. Assim, o campo da política reflete o pensamento do niilismo incompleto, sendo o indivíduo em eterno dependente do outro.

No âmbito científico, o niilismo incompleto expressa-se através da visão positivista e historicista. O historicismo valoriza as tradições e as considera importantes para a edificação da realidade presente, assim como melhor preparar-se para o futuro. Na visão de Nietzsche “buscando pelas origens, o indivíduo torna-se caranguejo. O historiador olha para trás; por fim, ele também acredita para trás” (*GD/CI*, I, 24, p. 11). Provocando uma degeneração da vida, o indivíduo não enfrenta os desafios de seu próprio tempo com um olhar centrado no presente. Na visão do positivismo, o indivíduo é caracterizado por uma total confiança no método científico, na experiência como seu único guia seguro. Assim, a ciência é o fundamento em que o indivíduo moderno deposita sua segurança, verdade pela qual busca-se, incansavelmente, para sentir-se seguro.

O niilismo incompleto também se revela no âmbito artístico, por meio do naturalismo e do esteticismo franceses. Nietzsche coloca-se em oposição a esse pensamento por entender

que o naturalismo tira do homem a capacidade de acreditar em suas forças, fazendo dele apenas uma máquina dentro de um processo em atividade. Por outro lado, quanto ao esteticismo francês, Nietzsche valoriza a arte como uma forma de superação da própria realidade em que o indivíduo encontra-se inserido. É uma manifestação de coragem que o indivíduo tem para enfrentar todos os sofrimentos. No entanto, a vida não pode, de forma alguma, estar subordinada à arte ou entendê-la como sua fonte de segurança. Seria uma anulação da própria força.

Em síntese, no espírito do niilismo incompleto, o indivíduo, consciente da morte de Deus, busca algo que possa ocupar o vazio, e, conseqüentemente em quem ele possa depositar sua confiança. Não há rompimento da circunscrição do niilismo. Destaca-se a incapacidade de o indivíduo afirmar sua vida e de acreditar na própria força. E, permanecendo dependente, busca algo que esteja fora de si para que o oriente. Contudo, aprofundando seus estudos e examinando a cultura moderna, Nietzsche constata uma outra forma de niilismo experimentada pelo indivíduo que, de maneira radical, abandona os valores dominantes na sociedade ocidental.

2 O NIILISMO COMPLETO E A RADICAL NEGAÇÃO DOS VALORES

Se no niilismo incompleto existe uma ânsia para preencher o lugar vazio deixado com a morte de Deus, no niilismo completo há uma autoconsciência por parte do indivíduo diante da nova situação na qual ele se encontra. Com isso, não há mais necessidade de manter os valores antigos e tampouco ocupar o lugar vazio deixado pela morte de Deus.

Percebe-se que, no niilismo completo ainda não acontece a criação de novos valores. Entretanto, a autoconsciência da desvalorização dos valores que até o momento eram reconhecidos como os valores superiores, reflete a clareza sobre a realidade do indivíduo, marcado pelo domínio profundo e visível do vazio. “Agora, no momento em que fica clara a proveniência mesquinha desses valores, o todo nos parece desvalorizado, ele parece ter se tornado ‘desprovido de valor’” (NF/FP de novembro 1887- março 1888, 11[100], TCGM, 8. 259). O indivíduo tem consciência de que, esses valores até então colocados como corretos e que lhe garantem segurança, foram edificados, tendo como base uma realidade que não existe mais.

Diante da realidade niilista, onde tudo parece não ter mais solução, onde tudo parece escuro e sem firmamento, é que o indivíduo deve resistir e seguir o seu caminho, afirmando a sua nova posição sobre a vida como o que há de mais sagrado, bem mais precioso, que não deve jamais ser esquecido ou desvalorizado. O niilismo leva o homem a enfrentar o novo, desprovido de qualquer crença além de sua vida. Agora, o que existe é o vazio, a única segurança para o indivíduo além dele mesmo. No niilismo completo há duas distinções que levam o indivíduo a fazer sua escolha, agindo passiva ou ativamente. Cada um nutre-se de características específicas.

A forma do niilismo passivo é marcada, fortemente, pela presença da resignação. O indivíduo deixa ser levado pelo comodismo e esgotamento. Todas as forças para enfrentar os desafios da vida se perdem e não há mais coragem para o combate. Nesse contexto, o

indivíduo é dominado pela quietude e aceitação de tudo o que lhe é apresentado. “Esse niilismo é, antes de mais nada, um niilismo passivo, isto é, um sinal de ‘declínio e recuo da potência do espírito’, incapaz de atingir os fins preconizados até aqui” (VOLPI, 1999, p. 62). O indivíduo se satisfaz com a realidade de mansidão.

O niilismo na forma passiva é a manifestação de total declínio da força do indivíduo que não consegue mais encontrar sentido na vida e não tem mais motivação para reconhecer a capacidade de protagonizá-la. Há o domínio de uma profunda esterilidade, de falta de sentido na vida. Falta força para reagir diante da ausência da norma imposta.

Tal forma de niilismo é compreendida como uma realidade de conformismo em que se configura com o animal de rebanho que consegue fazer outra coisa a não ser obedecer. Em consonância com Nietzsche, aquele que permanece inserido no rebanho, não dispõe de forças para reconhecer sua capacidade de fazer escolhas. Além disso, é preciso ressaltar as dimensões de submissão, fraqueza e rancor. O único direito que acredita ter, e ser o mais correto é alimentar o instinto de obediência, e assim, seguir sua vida sempre orientado por algo externo. Aflora-se uma passividade existencial, acreditando ser um erro buscar sua superioridade. O correto é permanecer igual, não sair da delimitação permitida.

O niilismo passivo mostra que o indivíduo se deixa ser levado pelo rebanho; ele é um fraco e não disponibiliza de forças para lutar. Permanece imerso no comodismo, não reconhece sua força interior e não alimenta o desejo de sair do seu estado de fraqueza. O indivíduo que vive o niilismo passivo encontra-se profundamente doente, sem vontade de lutar; vive a decadência.

O niilismo passivo é pois, a realidade na qual todos os valores e crenças não têm mais sustentação para aquele indivíduo totalmente desmotivado e que não consegue identificar algo apropriado que possa ser base de sustentação; tudo se mostra corroído. Esse estado de espírito reporta-se a um indivíduo totalmente entregue ao vazio. Falta vontade de enfrentar os obstáculos e renovar suas forças. Nada disso tem mais valor para ele a não ser sua passividade existencial. O niilismo passivo mostra um indivíduo cansado e acomodado, sem desejo de mudanças. Entretanto, o niilismo na forma completa tem sua ambiguidade: revela-se também como ativo.

Enquanto na forma do niilismo passivo o indivíduo se manifesta em estado de profunda letargia, sem forças e sem capacidade reativa, na forma do niilismo ativo revela-se um intenso desejo de evolução, crescimento de força, com profunda vontade de promover e agilizar o processo de destruição dos valores tradicionais.

Se o niilismo passivo é dominado pela quietude e cansaço, o niilismo ativo vai na contramão da direção. Sendo caracterizado por uma dominante força de inquietação, fica visível o seu valor, não mais deixando imperar esse espírito sem vontade de combate. Agora, o indivíduo consegue se descobrir, e com isso, “seu máximo de sua força relativa é alcançado por ele como força violenta de destruição: como niilismo ativo” (NF/FP do outono de 1887,

9[35], TCGM, 8. 13). Ele torna-se um indivíduo de ação, sendo capaz de valorizar sua existência, sabendo aproveitar cada situação que acontece em sua vida, intensificando cada vez mais sua força.

Essa força destruidora deve ser entendida e acolhida como consequência necessária de um caminho com o objetivo de afirmação da vida (PELBART, 2008, p. 98). Não é um destruir por destruir, o que seria algo totalmente negativo por parte do indivíduo e se configuraria simplesmente como uma perversidade, mas sim um caminho de busca e de mudança. Assim, no niilismo ativo, o indivíduo descobre dentro de si uma força capaz de anular sua passividade e transformar sua vida, mesmo que para isto seja necessário realizar um processo de destruição de tudo o que, até o momento, domina e impede o crescimento de forma saudável.

Diante do vazio existencial, realidade do niilismo passivo, o niilismo na forma ativa oferece saída, sem negar o processo de esvaziamento encontrado na modernidade com sua grande força de dominação. É preciso enfrentar o niilismo ativamente. “Nesse caso, a única saída seria conduzi-lo até as suas derradeiras consequências, e isso significa vivê-lo como niilismo ativo” (GIACIOIA JUNIOR, 2014, p. 240), transformando a fraqueza em coragem, a doença em força de crescimento, ânsia de superação e assenhoreamento.

O niilismo ativo desencadeia no indivíduo uma força adormecida, levando-o a sair do comodismo para enfrentar a real situação presente na sociedade. Não é correto ficar fechado no comodismo, negar a coragem. O indivíduo precisa descobrir a força existente em seu interior e que não pode ser negligenciada. É latente a busca de superação; coragem para sair do rebanho, ânsia para atravessar toda a realidade niilista presente na modernidade, ocasionada a partir do pensamento socrático e valorizada pela moral religiosa.

Vigora-se agora um espírito totalmente livre de amarras, não aceitando a uniformização que a moral religiosa impõe ao indivíduo inserido no rebanho. “O niilismo ativo aparece em circunstâncias sociais relativamente mais favoráveis” (NF/FP do verão de 1886 – outono de 1887, 5[71], TCGM, 8. 204). Por isso, é visto como oportuno para o indivíduo descobrir suas próprias forças e não permanecer escravo a imposições. O indivíduo ativo não aceita permanecer mais submisso à moral religiosa.

Fica visível que, na forma do niilismo ativo, existe uma consciência em face da negação da vida. Com isso, dá-se início a um caminho de afirmação. Isto acontece sem excluir a presença do niilismo. No entanto, é dentro dessa realidade concreta da história circunscrita pelo fenômeno do niilismo, que o indivíduo precisa buscar a superação para afirmar a vida. Diante disso, é essencial passar pela radicalização do niilismo na forma extrema.

3 DO EXTREMO DO NIILISMO DESPONTA A VONTADE DE SUPERAÇÃO

No niilismo extremo ou radical configura-se o estado mais alto da manifestação deste fenômeno ocupante de todos os espaços. Agora, o indivíduo toma consciência de que está totalmente no vazio. Não existe mais o mundo suprassensível. O mundo sensível é a única

existência (ARALDI, 2004, p. 124). A partir dessa realidade existencial o indivíduo, consciente da situação, busca forças para afirmar sua existência.

Segundo Nietzsche, com a intensificação do niilismo na forma ativa, como um espírito de força destruidora diante do vazio em que o indivíduo se encontra, nasce o niilismo na forma radical. O espírito livre passa a viver nesta nova forma de niilismo uma dimensão de liberdade ao extremo. O indivíduo, consciente da real situação de autonomia em relação a qualquer tipo de norma, olha para as necessidades de sua existência, mesmo dando-se conta do vazio da realidade negativa que o envolve.

Assim, o niilismo radical mostra sua força a partir de uma realidade de extremo vazio, passando a existir não um outro desejo, a não ser superar e afirmar a própria existência. O niilismo na forma ativa aponta para a necessidade da radicalização. Agora, o indivíduo recorre apenas à sua existência; olha para ela e busca meios para afirmá-la a partir do seu interior, identificando a sua necessidade enquanto indivíduo.

Contudo, é usando de ousadia, coragem e uma vontade de busca pelo domínio de sua existência que o indivíduo enfrenta essa nova realidade. Com isso, descobre novos caminhos que proporcionam a ele afirmar-se, mesmo diante de contratempos, parte da realidade existencial do indivíduo aberto a olhar novos horizontes.

A transvaloração dos valores só é possível a partir da edificação de novos valores de afirmação da existência, momento em que o indivíduo assume, com coragem, enfrentar e eliminar as marcas da decadência, da fraqueza e do comodismo. É assumindo e vivendo essa realidade de destruição que o filósofo alemão aponta uma saída para a realização de novos valores que tenham como foco a afirmação de sua existência. “A criação teria nele o sentido de suprema afirmação da existência” (ARALDI, 2004, p. 125). Tal afirmação desponta como força ativa de superação, quando a vontade de potência é aceita e desperta no indivíduo a capacidade de dominar sua vida, mesmo diante da realidade esvaziada de sentido. A partir dessa realidade negativa passa a existir uma realidade positiva. Partindo do nada, a vontade de potência faz despontar novos raios de afirmação, com o projeto de transvaloração de todos os valores.

Enquanto no niilismo ativo há apenas a capacidade de força para destruir tudo o que provoca a negação da existência, no niilismo extremo ou radical, essa força chega ao ápice. O indivíduo descobre que não basta destruir. É chegado o momento de repensar um caminho de afirmação a partir do nada, desejoso de superação. É preciso gerar novos valores, tendo como base o desejo de afirmação e preservação do que existe de mais sagrado neste mundo, a vida.

Viver o extremo do niilismo conduz o indivíduo para uma realidade de superação. Diante disso, ele precisa fazer uma escolha: permanecer preso a tudo o que provoca a negação da vida ou descobrir uma força a partir da realidade niilista que seja capaz de fazer o caminho de afirmação. Pela radicalização do niilismo, o indivíduo dá-se conta do grande “em vão” que

ele vive, e, a partir dessa consciência, desperta uma coragem transformadora para sair da realidade de vazio. Ele descobre força afirmativa para enfrentar sua nova condição de existência.

É diante da realidade de não aceitação e confiança em crenças passadas que o niilismo extremo faz florescer uma dimensão de afirmação de valores que estejam em profunda configuração com a vida dentro do seu real contexto existencial. Para isso, Nietzsche releva a necessidade da transvaloração de todos os valores, pois, se antes os valores eram edificados a partir de uma orientação divina, agora é preciso que eles tenham como fonte originária a condição de existência do indivíduo.

Nietzsche entende o niilismo como um momento importante da modernidade, pois essa realidade niilista leva o indivíduo a descobrir que ele olha para o vazio, para o “em vão” de sua existência. Entretanto, é a partir dessa consciência que ele faz despertar sua força, e assim, assumir com coragem suas responsabilidades. O niilismo é desse modo um passo fundamental no caminho de descoberta de forças, tanto do indivíduo quanto do período moderno (WOODWARD, 2016, p. 43).

Para tanto, o niilismo é visto a partir de duas perspectivas: o niilismo pode ser um sinal de fraqueza. Com isso, o indivíduo permanece totalmente dominado por ele. Por outro lado, é tido como um sinal de resistência, de vontade e de força que, mesmo vivendo o extremo do niilismo, descubra uma capacidade de intensificação de força do espírito que se ergue corajosamente para lutar pela afirmação da vida e da realidade (ARALDI, 1998, p. 76). Diante do fenômeno do niilismo, o indivíduo é provocado a fazer escolha.

O niilismo extremo aponta para o início de uma nova história. Agora, é necessária a edificação de novos valores, tendo como principal objetivo, não mais a vida no mundo supracosmético, e sim, a afirmação da vida dentro da realidade terrena, o que existe de mais concreto e real.

O niilismo extremo é um estado fundamental para tirar o indivíduo da prisão. É a partir dessa realidade de profundo vazio, do “em vão”, que ele precisa descobrir a sacralidade da vida, e assim, enfrentar com todas as suas forças o fenômeno do niilismo, tendo como meta algo que seja real para a vida. O niilismo extremo é o estado de espírito em que o indivíduo toma consciência de ser ele o responsável por sua existência, tendo a liberdade de deixar-se afogar pelo niilismo ou enfrentá-lo com suas forças e vontade de assenhoreamento, passando a elaborar valores afirmativos para a vida com um olhar voltado para sua existência, não negligenciando ou excluindo suas necessidades enquanto indivíduo.

CONCLUSÃO

Nietzsche apresenta o fenômeno do niilismo como um fato presente na cultura ocidental. Seu início se deu com a valorização da filosofia socrática, acarretando ao indivíduo viver dominado por uma dimensão racional diferente daquela que existia na tradição mitológica. A partir disso, é possível ter ciência do niilismo e de suas manifestações na cultura ocidental

de maneiras variadas, o que leva o indivíduo, a partir da filosofia de Nietzsche, a não camuflar tal fato, e sim, descobrir forças para realizar um processo de superação em vista da afirmação da vida.

Assim, o indivíduo, ciente do mundo em circunscrição niilista, precisa fazer uma escolha: primeiro, permanecer preso às convicções, fechado no medo de lançar-se ao novo, anulando a coragem de lutar para defender a própria vida e continuar buscando algo em que possa depositar sua confiança, fazendo-o totalmente dominado pelo niilismo. Por outro lado, o indivíduo, ciente e consciente da força do niilismo, desperta a vontade de superação para afirmar sua vida inserido em sua realidade. Ainda, pode descobrir em seu interior força capaz de superar a circunscrição niilista em que ele se encontra, assumir as responsabilidades de conduzir suas escolhas, para tornar-se um espírito livre de qualquer tipo de amarras. Esse indivíduo vê os desafios como percurso de superação de suas forças e os enfrenta com desejo de crescimento, de assenhoreamento.

Nietzsche não nega o niilismo, mas também não aceita o seu domínio. Ele provoca, com sua própria filosofia, um caminho de superação em vista da afirmação da vida e da realidade concreta em que encontra-se inserido. Assim, a filosofia nietzschiana desperta no indivíduo a clareza do niilismo e suas manifestações, sem se deixar ser dominado pelo fenômeno de negação da vida.

Em síntese, Nietzsche apresenta três formas de manifestação do niilismo. Sua superação exige, da parte do indivíduo, não sua negação, e sim, viver em um espírito de superação, sendo capaz de fazer a experiência na forma mais extrema. E daí descobrir forças para não permanecer preso ao vazio, e sim, transformar experiências negativas em positivas para superação do niilismo e afirmação da vida.

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. *Niilismo, Criação, Aniquilação. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção Sendas & Veredas).
- ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, v. 5, p. 75-94, 1998.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Frammenti postumi 1885-1887*. Testo critico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1975. Vol. VIII. Tomo I.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Frammenti postumi 1887-1888*. Testo critico Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Milano: Adelphi Edizioni, 1979. Vol. VIII. Tomo II.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica e contraniilismo. In: *Filosofia contemporânea: niilismo – política – estética*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Tradução Alvo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

WOODWARD, Ashley. *Nietzscheanismo*. Tradução Diego Kosbiau Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016. (Série Pensamento Moderno).

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Hugo França de Souza é Graduado em licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC - PB (2011). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC - Minas (2016). Pós-Graduação (Lato Sensu) em nível de especialização em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano, na área de concentração de educação - Polo Campina Grande - PB (2018). Pós-Graduação (Lato Sensu) em nível de especialização em Sociologia e Ensino de Sociologia pelo Centro Universitário Claretiano, na área de concentração de educação - Polo Campina Grande - PB (2019). Pós-Graduação (Lato Sensu) em nível de especialização em Filosofia e Autoconhecimento: Uso Profissional e Pessoal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na área de Ciências Humanas - Porto Alegre - RS (2020). Pós-Graduação (Stricto Sensu) em nível de Mestrado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) - Belo Horizonte - MG (2024). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0502-5847>. E-mail: hugofranca1985@hotmail.com.

Endereço: Rua Peregrino Filho Centro 58700450 - Patos, PB

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Profa. Mestra Elciene Alves Ferreira de Oliveira / Prof. Rogério Giovani Soares Ferreira